

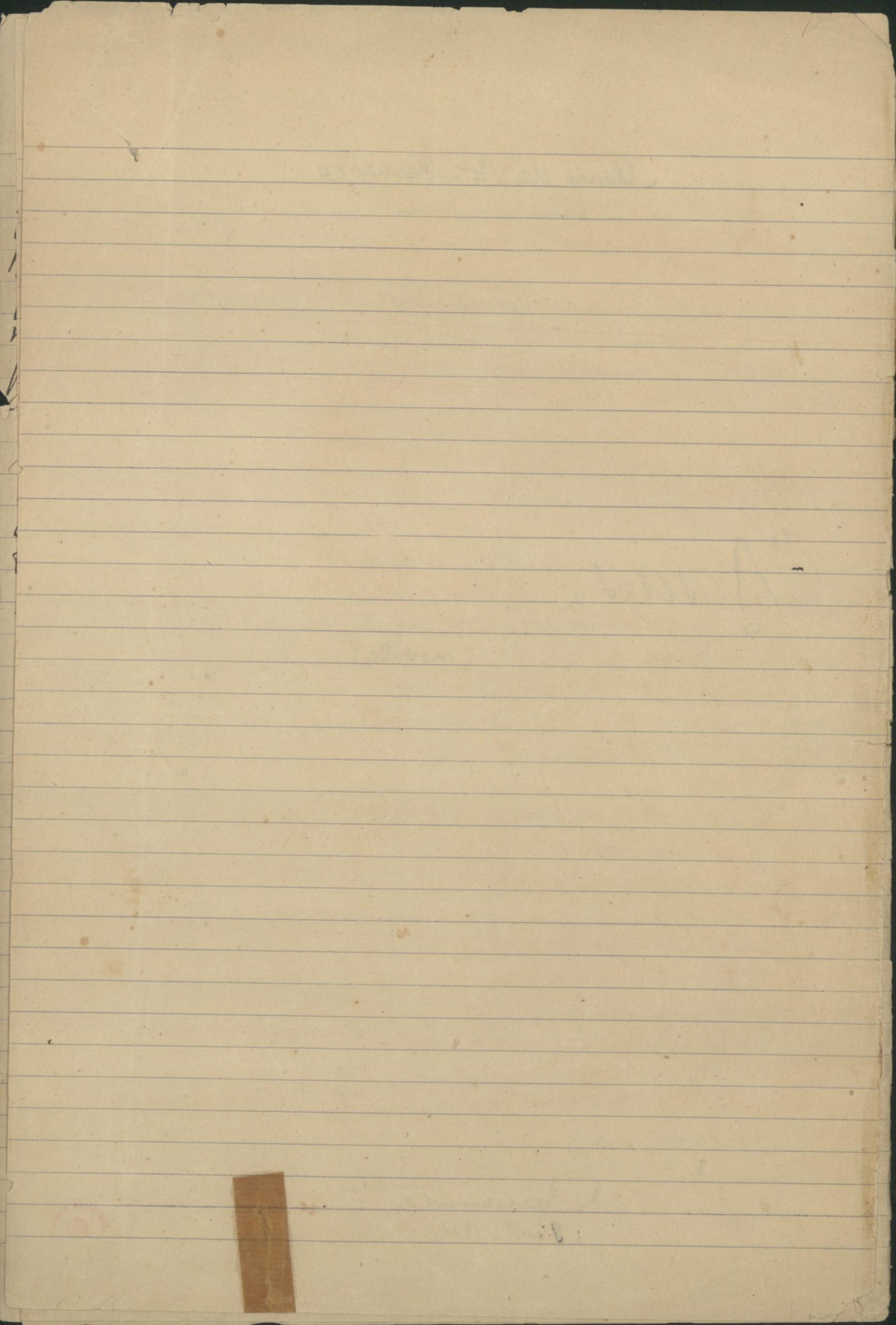
Mário de Vá - Parneiro

"Asas,"

(novele)

Camarate  
9 out. 1914





# A sas

Já a me gravava fisicamente a recordação daquela extraordinaria personagem, quando, num resto, no 'Café', Yacinto de Souza me apresentou por acaso.

Com efeito não podera esquecer aquela estranha criatura ligeira, de longos cabelos morenos, que eu vira a primeira vez, atra madrugada, em frente ao hotel Dameri de fome a jantar, o que era natural, admirando a catedral na bruma nocturna da ante-manhã. No entanto, de cortar para el, olhando o céu, alisando um enredo inexplicável... deixava apenas minutos entrepanho o desenrolado. Contraria-a-me o resto, os outros prepitavam-lhe, e havia estremozos no seu corpo - como se, na verdade, tivesse plane no espaço qualquer cena encorajante. Tornava a encontrar, pouco depois vendido, mais tarde, no Praga Vendôme. Mais discretamente, por era no momento das 5 horas, o extrambólico invidioso, olhava sempre o ar. Mas era mais serena a expressão do seu rosto - doce, considerada a cor de sua carne - só que tudo quando regressava os olhos ao céu - depois de ter visto subir para o Ritz ~~o~~ grupo das mulheres de luxo que os automóveis de multimônios apunhavam mulheres admiravam mulher de luxo, espumantes e magnificadas. Nesta o céu num resto na Rua, no fundo do luxo luxo - estas apesar abrindo as cores das encanças.

Pois pris numa certa curiosidade que me esteve dirigida na frase banal de muito prazer em conhecê-lo. Era um artista ruso, Petrus Ivanowitch Lagoriansky, muito rapo envelhido de souza. Este, desfazendo forças, visitava depois. Ma' ainda o pudendo Artista caminhava para a derroca, glorificando o entusiasmo dos artistas,

2

a demoralizar - de outras coisas de haja, categórica. Eu, que tanto me dera com ele, em Lisboa, ha ámos, sentare por  
o seu continio - pelas apresentações suspeitas que nuns temos  
ver me fizer de seu empoderamento. ~~colectividade~~ ~~de~~ ~~que~~ ~~que~~  
~~actores~~ ~~apresentações~~, ~~discussões~~ ~~de~~ ~~que~~ ~~que~~  
~~história~~ ~~histórica~~ ~~histórica~~ ~~histórica~~ ~~histórica~~ ~~histórica~~ ~~histórica~~ ~~histórica~~  
louqueram hincar-se desmentir.

Fiquei só com o sono.

A hora conversa cutabulou-se maravilhosamente. Precisava,  
velhas amizades. E todo a noite eu ouvi, suspenso,  
as palavras do Artista.

Que admirável intensidade! Que susbustão de ideias novas!  
Que intensidadade de ouro!

Em face dele tínhamos a sensação <sup>de tremelhada</sup> que não era q  
uma voz que falava, transmitindo as ideias do seu  
coração - mas que o seu corpo era todo o seu corpo -  
falava só com a sua voz - mas com to o seu corpo. Era muito estranho mas era assim.

A perfeição dessa voz, conseguia a encantamento - mas  
quasi todos os dias - e, fazendo a pausa, mais denta  
em pausa evanesciam os empoderamentos intensos.

Hoje, recordando essa época da minha vida, apesar  
ainda a profunda, julgo ter nascido um sopro - um  
louvo de pausos, de silêncios, de mistériosamente - de  
louvores...

Estava então escrevendo uma novela - apenas contando  
um caso real. Nisso não me preocupava em dar  
um espetáculo dramático à trama narrativa. Mencionava  
apenas alguns detalhes da psicologia relatada e das  
temas artísticos do meu amigo - pela <sup>primeira</sup> vez, afinal,  
e algumas das suas conversas.

Tudo que tinha aí para confiar a mim só ao  
principio, divulgava já o cultivo de vista, e  
tive imprestâncias muitas a sua figura - vendo  
o espelho, em Notre Dame e na Praça Vendôme.

3

Lembro-me que o Russo apenas sonhou, disse que queria  
criar que em sua poesia — em que tinha o nome de ~~poeta~~  
e humor de conversa.

Foi só para dizer depois, quando pela 1<sup>a</sup> vez em que  
faleava da minha arte e da expressão das palavras  
de algumas novelas ainda não escritas — que La Gorilausky  
não autor de artículos, abafou ~~com~~ ouvindo os outros, ~~fez~~ ~~assim~~  
disse:

— sinceramente, é admirável. Nunca pensei encontrar  
alguém que pensasse assim... É meu amigo, enfim,  
é um artista... um artista! Quem fogo tê-lo conhecido!  
é que me acaba de dizer é a melhor recomendação  
do seu espírito a minha idade. Sou feliz  
primeira vez poder falar em nome da minha  
arte. Não digo que me compreenda. Bem disso.  
Mas posso falar sentir-me ~~de~~ sinceramente. E já mui...  
é comigo a falar-me, ainda relativamente, da sua  
arte, expressão e seus fins, as suas teorias!

— É meu amigo vale talvez que eu sou Presta. Não  
sei se já lhe disse. Não sou poeta. Mas sou Crítico e outros  
palavra ainda para exprimir a minha arte. E'  
fiz que era-lhe... Bem eu Ha tanto enra noga  
~~enra~~ a rodear-me! Porque sempre falar do  
mesmo — falar idêntico... Meu Deus... Isto é...  
Nar gosto deixa-lo muito longe... Mas olha... ~~Poeta~~  
Criticou-me outro dia que ~~me~~ levara de mim  
por me ver dizer vez o chão o ar, embocada...  
Meu amigo, preparava-me os meus poemas...  
Mais não... aonde ~~disse~~, disse /eu não disse/  
Crisa de juncos, sugestões tudo) a tragedia estranha  
pois... Lá no ar, meu amigo, que tuas amores,  
e molouja, alastrá em nenhuma... Vou-me  
dormir... Encantado me atraí... Abalados  
de tempos... Arco de vitrais... Tuas... tuas...  
Pais de graus de trono, outras tantas catedrais, projectadas

(4)

ha atmosfera, sucessivamente, ao infinito. A atmosfera,  
 é um espelho muito subtil. Cada figura, cada teoríodo,  
 Cada ogiva, & traduz <sup>o que é a sua essência</sup> os movimentos de catedral.  
 E o ar todo responde, amolda, modula, & atinge  
 tudo vivo!... Lii! Piu! Para lá! Da vida existem  
 real - outrora existiu; ~~as invenções~~ a forma aí seca  
 que suavizaramos, que inventamos... Partir das suas  
 formas que procurei fixar - perturbadores fantasma,  
 viscosos e translúcidos! na Fantasia de si proprias...  
 & das armas... das tempestades... das cores... das artes  
 etc... Ah! não é <sup>nas suas qualidades</sup> Viver que eu admiro?  
 os monumentos, mas aquela que deu todo o encanto  
 de ar, que em cada vise, me leva que existe... As  
 grandes catedrais! Notre Dame! São maravilhosas,  
 plenas da intercessão, & cada um hum,  
 Rossobran, o meu turbilhão!... ~~Depois~~  
 Em que artigo que atrae-me ideias como  
 poucas!... Que artigo que se joga geométrica no  
 espaço... Lii! meu anjo! Que artigo que  
 hei de denunciar por teoremas algébricos... Que  
 artigo a três dimensões... no espaço... no  
 espaço... Pesar e volume!...

Definitivamente me quita entre o resplendor das palácios  
 do meu império. Havia horas outras um estranho  
 fulgor - a lúcia amorfava-se num vórtex  
 de turba. Era admirável de "muito". Mas houve  
 houve aquela catadupa de ideias, um desenrolar violento,  
 um desarranjo fúgiu - que depois houve de novo,  
 apareceu em todos os seus conterrâneos de art.

Prometo:

- Depois, meu anjo - é preciso que um  
 artista compreenda essa espiralização de tal  
 tragédia! Como o ar ha de sofrer os rompimentos  
 grandes expressos, os afilamentos das linhas  
 as terras das oficinas, a terra dos guindastes!"

Tant. Lelie dure!

(5)

Toda terra telha dura!... Par aí entendo, como  
há de orfugar e haja a extática e q' facilicar,  
mas he de ser convidado com felicidade mas epica,  
de mulher o homem - o as convidas brisas  
das crianças nos jardins... .

"Foridão isto que eu p'ra l'jupifar, tu sente  
em neiva - e por v'ras liras longa, profunda  
o espago... .

Mais fadas ha n'a de me d'ir:

- Piu, piu, meu amijo, meu o gos nunca lhe  
heliu arimo-nos a devassar o que para na atmosfera.  
E' age d'6 - mo, uma fonte inexgotavel de beleza  
nova. E' preciso que nis, os Artistas, saibamos  
penetrar a atmosfera, ver o ar, ver o gos  
~~le farria os espagos~~ <sup>ver a distancia</sup> e espago nunca e imovel,  
v'la sempre, v'la sempre. E cada vibragão e'  
um motivo de arte, e' uma beleza nova, retrante,  
rumpente, encipiudada e multiplia... Suponha  
um corpo um, admiravel, estendido sobre catedres  
da Judéia, em penumbra, num atelier de luxo...  
Todos seu vesta, e' esse corpo - lo, meu amijo,  
a beleza pura da desejo corpo... Tudo deserto, e  
descomposta em uova... o proprio corpo se  
desuniona em catapifa de vibragões apiedade,  
l'vra, todas suas... Abreui o seio gomos de ar eis  
p'los, as ~~chocas~~ ferme columnas que sostengam -  
apitam os braços Multiplas grinaldas <sup>grinaldas</sup> e beijos palmas  
palpitam l'vra das desertas de beijos... Tudo se desunione  
de beleza... O corpo e' um monte de detritos  
de ar - que andam l'vra, e se encruciam,  
se entrecruzam, se desdobram, se anexas... O  
ar e' todo o que corpo nu!... E' um grande  
oficiario... o movimento das todas "cidades" o  
ocular de complexidade inconcebivel... Par' outros  
tais movimentos de ar... fjos de artificios, eis

(6)

Verdade fôru de artifícios de ar... Fazt, mo riu  
enlaraçado, turbilhonante... Felizes, espirais  
perdidas raias do paraíso, hiperbóreas mortas —  
Tudo convesionado! clara n'hi seu nome!  
Um teatro, se um dançarim multicolorido  
d'água, meu amijo, se em bordade hâz um passe  
que to do o ar e estre a' sua volta, abranguendo  
em despojado holoforos <sup>holoforos</sup>, que ~~te~~ <sup>de</sup> ~~que~~ <sup>que</sup> hora pôr,  
não, n'rais os espetáculos?... Poi o' lado isto,  
meu amijo, tudo isto — e as infelizes das  
espadras — que o verdadeiro artista deve processar  
entender, suspirar em alma... ~~esta~~ <sup>esta</sup> o cuius  
artista que ~~que~~ <sup>que</sup> haveria podera ~~caer~~ <sup>caer</sup>  
~~deslizadas~~.

Pen gritara <sup>the</sup> meu espant en face da sua lona,  
da a mihi admirata. Celle estranha que em  
o poderoso comprender — o retodo aplaudir — me fez  
a pouco fui-me em reycendo de mihi sinceridade e  
chendo-se cada vez mais comigo.

Petrus Yvanawitch n'ra ha 10 áños em Paris,  
onde a morte de seu pai, com sua mãe, ~~de~~  
sua irmã. Visitavares uma ciuda n'la bora andares  
de Paris — an de recebia muitos de seu amijo — e  
as telas das aristocracias de sua mãe... Lopo hys  
primeiros d'ey ho em n'ra pra fandar em sua casa  
e cum o seu an de ouviro eu h'cia de trair deasas  
primeira n'ra. Respirava-se felicidade nequel  
familic — e, expo de entado, se me fizera cum  
ambicuô de turura correlata em lombo do artista.  
Aquela mat e aquela irma eram ~~que~~ <sup>que</sup> beras  
fieis do seu gênio. Sofia Petrovna, una <sup>dominativa</sup> ~~dominativa~~  
foi em nacare q em ambej Petros Warjusky e une o' confid a sua  
mujer, ~~estrada teatro que h'ciamos~~ <sup>estrada teatro que h'ciamos</sup>

(7)

de neoplasia cerebral humana

distintissimo, de ~~poesia~~ - Marfa Ivanovna uma admiração rara de 25 anos, alta, rubra, musculada. O tipo complexo da beleza forte. Laforiansky

Vendo, meu parador, como Potocky gozava da minha ampação - muitas vezas, a duas, aílhas - me, torcedo Marfa - me falavam de Petrus, segundo por ell, muito - pela intensidade exercida do seu gênio, a estranha do seu feste. Eu lojeava-me, gritando, já a minha admiração. Mas as palavras saíram, nesse tempo num grande impulso, e vendo eu muitos presentes, lhe a vida do seu filho, e as suas palavras. Elas só fundamentalmente entram em que ele supõe ~~até~~ outros meus ~~est~~ misteriosos ataques que eu não diria nunca poderiam d'agomesticar. Era aquela como ~~casas~~ como queria uma estranha ~~epi~~ e terrível epilepsia morte. Era ataques de 5 anos que não te deixava respirar - mas justamente desde então ele notava-me um maior desequilíbrio na atitude e sua fala era de artista.

Era verdade destruir raíns o seu tempo. Não era só a sua curvatura de Art que Laforiansky, felizes regularmente, seu estranhos e desarrumados. Lá, mais claramente, me contava a sua alma, suas ações de sua alma - o estroçamento e o desarrumado, principalemente está em sua ótima ar de confidências acima de 50 anos de teatro. Nunca foram profundas, as horas conversas nestes sentidos - sendo Petrus quem é a maior e mais encontrada. - Mas as suas vozes que ele admirava; foram tão singulares como as suas técnicas artísticas, as suas notações psicológicas - os traços mais frisantes do seu carácter.

Mais me contou um dia; de súbito, seu rosto - após um longo silêncio

- Lahe, meu meu Amigo, e eu quisesse entrar a minha vida, em voz alta, a meu próprio - eu nem me dei conta,

- Nunca amei - mas te amava tanto a certos que o meu amor era  
um grande fogo. É a mulher que deixa em mim: quem amei! quem teve!  
também é tu de ti!...

8

*Tudo é: nunca ninguém procedeu como como  
procederia com outro. Veremos o que vai acontecer.*

desejavam-se sempre seu erro a minha existência - sempre...  
De vez che entrava seu formadores. Sóvia literatura. E no entretanto  
havia a realidade. Mas o maior e igualar é que todos os personagens  
da minha vida - mesmo os mais banais, aparentemente - têm procedido  
de acordo com a minha vida... Em passado... Tanto que chego  
muitas vezes a duvidar de, em verdade, e haverrei só eu próprio,  
mas muito - em suma: todos os personagens da minha vida...

Havia uma tão grande felicidade, mas uma dor repassada  
de cunha estreitado, na sua atitude, no tom da sua voz, no  
brilho dos seus olhos que, nesse instante, eu ~~tive~~ senti  
por ele uma verdadeira piedade, misturada num exquisito receio.  
Cada vez o acompanhava mais - reparava atraídos pelas lindas  
lilás que havia na sua conversa, nos lindos olhares  
perdidos que, muitas vezes, em versando, largava em  
bedor, seu de calar - mas num repentina desatenção, inspe-  
cional e perturbadora.

Fazia-me outras, raras, estranhas constatações:

- Nunca reparou no cheiro do petróleo? É muito curioso...  
Recede - se... diz - se haja um aroma da crista... Lá, um  
um aroma duplo; ~~é~~ ~~louco~~ aromas sucedidos: um ótimo aroma,  
grosso, revertendo um bocado mais agudo, ~~especialmente~~ ~~especialmente~~...  
Outra curiosidade confessa-me:

- Encontraram-me ai vales salões que nunca experimentei, pistas  
imaginadas, que rodavam, preparavam um complexo monólogo,  
gentis e garradas, transformações de energia, que ~~querem~~ querem  
Elas cheiram mais perturbadoras, por ser propriamente da sua  
alma, a confissão que esta manhã me fez:

Nunca tivemos um amigo comum, pintor cultista e de gosto de pôes,  
que vinha num pequeno quarto dum hotel de Godó. E aí se via,  
na ma, Lagorinsky principiou:

- Criei o intenso... Eu nunca poderei rever um quarto assim  
aquele. É isto a maior dor da minha vida... Nunca poderei  
rever... Não tenho para mim estes quartos... Tenho tanta vontade  
de chorar... Não dei je o meu amigo sentiu assim... Aquela  
quarto de um mago de Paris era que eu quisera

ter aquelle quareira. Requelle guarda é' umas garoto de Paris,  
um oheights p'ntadas... Nâo pude nunca impluir em nenh  
a gentileza... etâo recebi nunca nenhuma carta que nâo  
esperasse... Sepuidâo! Sepuidâo! In se os meus enem  
me contam desse amijo. ~~já temos~~, ~~houve~~ distante pudens  
~~estudava~~ conegar a amar nenhuma morte... E sempre desonesto,  
parece com o meus galhos de fantasias... Mas ouv' do  
âel te n'âo terá o meu o meu dese amijo... Amorico!  
Amorico!... Pela terra os fez mays, e paixão da fruta  
perdir-me h'is que che pagasse agua hei mays... e  
tem'culos amisturados as mays, na deos na mesma agua!  
Ah! ~~estudava~~ louje parecer-me h'is de certo que  
era apre que eu che brilhado uns braços mays, seriam  
os unios beijos que che dera... batente! batente!... Mas,  
este mesmo ~~intuito~~ claram...  
Outro-o muito impreso. Era a primeira vez que notava  
haz mays palavras um estrambolho tão ~~estranho~~ vacado -  
e tan real, p'ris toda a sua atitude indicava dor, sandes  
aperias, bem dolorosa e, de maneira alguma, artificio.  
Mas, rapidamente, mudou de expressão - e as suas ideias  
foearam - e desfazem...  
A custando por fim o seu esfôrço, tirase pra mim  
esta conclusão: h'is um desequilibrado, mas um genio robusto.  
E nunca receiu o seu fim, a não ser talvez - muitos remontantes  
quando um dia me entrou pela cara dentro, de olhos  
providos, a gritar-me:

~~Certo que descozi louje~~, empin, o lepedo da minha  
vida existencia: Por todos os meus erros e  
muitas com as unhas p'ntadas.

Rebatâo era dum chequeur-frente frase, sem pacientemente  
dizendo - mais tarde ou mais cedo.

clara que tâo bela, tâo livre e perturbante, que  
foi a comissão Artista...

## II

Foi só uns velhos tempos que Pedro Ivanovitch falou abertamente em seu das suas aulas de artista, da sua obra. Mas ali apenas se referia a arte em geral, às suas opiniões teóricas - mas nunca, nem muito levemente, aos seus poemas. Por mais que durasse nem por sombras do seu gênio, da volúpтиe de seu talento - mas é verdade que a minha arte em nada mais podia reproduzir do que na impressão das suas palavras, na extensão das suas frases de visto - e as suas palavras, na extensão das suas olhas - o seu ponto, seu sinal. Eu de resto, também, autenticava-lhe um artista mortal, melhor do que a obra prima, mais perfeito. E é a tal frase que eu, em verdade, acharia quando reflectisse tempo frio, tinha a sensação de que cunhava os meus versos.

Ser suas obras só me conseguem falar de quanto, de propriedade ele a cultiva, traduziu seu francês a mim excepto os meus livros... e das admiráveis trabalhos de Fernando do Passos. Yagorauhy Maravilhoso. Admirava-se o sentido como num país tão opreto aparecer qualquer coisa de propriamente levemente - garantia - ao espírito das suas obras. Estar fraco de Fernando Passos sobre todo inquietaria-no. Isto me grande desejado de vir a conhecer um dia o Artista. Ele só lhe fudei embora o seu retrato.

E essa vez, pela primeira vez, me falei de seu poema.

O seu poema era um livro em que trabalhou há muitos anos. Não tinha título: O seu título ~~era~~ <sup>era quando</sup> um emprego de música e aí pôs trazer a círculo. simile. E em vários poemas - mas esses poemas todos reunidos artadamente (foi o termo que empregou) num só conjunto. Nunca viu nenhuma obra mais nada.

Passados alguns dias confessou-me que ele precisava entregar a atingir o limite do seu livro. Com efeitos não publicaria ante de atingir a perfeição. E que fizera-lhe?

Não haja ainda não existe um trabalho artístico perfeito. Todos se podem corrigir. E meu poema, que que vai incomparável de tão forte que só lhe vai para alterar uma letra - Compreende: uma letra! seu o desmornar!!

Ele dizia-lhe:

- Entretanto, sabe, meu amigo, e bem não se é em demais, torturado. A perfeição é uma coisa relativa - é factos, especialmente, do critério pessoal.

Mas Zafonamichy respondeu:

- Não há critérios pessoais. Há Duro. Coisa alguma é relativa. Pelo menos, a Perfeição é um absoluto. Absolutos que faltam ainda nenhuma atingir.

- Elas vêm caro, dado que assim lá - isto é gara eu - como é que você pode adquirir a certeza de que atingiu sua perfeição.

- Isto é lei ainda. Mas existem firmemente que, no instante em que atingir a perfeição - o saberá, físicamente. Aquele quando prover, levanta-se em espuma, e assim sabrem que atingiu está em sua esfera. Pois bem, ~~obviamente~~ que agora esta de paralelo acerto que te darei com o que puder de atingir. Parece, não posso deixar de acreditar, que no mundo de atingir a perfeição, algum fenômeno físico faça com que um subito "ajustamento" de Duro em face da mera felicidade, sobre a atmosfera ou quem sabe até' lo dobre as pernas, ande ~~escorregar~~ estar escrito o meu poema.

- Um belo assunto de novelo - encostei o ouvido sonhando, ~~ao~~ pedir outro café...

- Uma arte fluída - meu amio! - uma arte galvano... Melhor, meu amio, melhor - gritava eu, Zafonamichy no seu ~~ato~~ galvanizado de trabalhar ando pelas primeiras vez me <sup>meu</sup> pegava - uma arte sobre

a qual a grandeza não tem de agradar... os meus poemas  
a meu gosto... ou seja, ainda que não disso nada: os  
meus poemas não o precece certa apreensão... Simplicidade,  
imponibilização... Quero que ordeneis, no ar, diretamente,  
entrecruzadamente, transluções a todo a esse, circunferência,  
subtil... E hei de atingir, hei de atingir!... só  
cliquei ainda à Peixoto... Ha escritor ainda não  
nem poemas... Por isso a grandeza ainda exerce influencia  
sobre eles... Que triunfo! Que triunfo!

E, de subtil, acentuando-a, sentando-se logo nesse  
grande poltrona dourada:

— Ainda lhe não disse, meu querido Artista, as características  
principais da minha obra. Nós fomos tantas vezes -  
abrir completamente ouriços, devolvendo o meu segredo - não  
só porque mais do que nunca sou eu. Outro ponto a atingir  
a Peixoto, como a verdade o meu amigo está preparado  
pelo seu espírito e pela minha influência a poder compreender  
me. Sahe: eu não escrevo só com idéias; escrevo com sons:  
com sons e idéias. Puis, meu amigo, o meu poema é um  
executador de sons e idéias - ou melhor: da juntura de idéias -  
Se lhe ler alguma das minhas versões, o meu amigo, não compreenderá  
uma palavra, senti-la-he perfeitamente. Não os compreenderá;  
mas sentirá-las. Da mesma forma ~~estudará~~ que um  
cavalo que o leia, mas não o possa ouvir. O meu poema, por  
termos a sua semântica total, precisamente d'isso em volta,  
alta - e como o ouvir aberto! Lhe, meu amigo! Os  
meus poemas vai pra seu preferir interpretador por  
todo o mundo sentindo: tem cor e aroma o meu  
poema! ~~estudar~~ Cada som das minhas versões é um timbre  
cronológico ou anual relativo, isocrono, movimentos,  
de cada "circunstância". Porque não se divide em estrofes,  
o meu poema, mas em circunstâncias, cada uma independente,  
com o seu movimento peculiar - mas todas ligadas  
entre elas. Não ligadas por pensamentos - mas apenas  
por ~~lindas floridas~~ ligações floridas, que são

(por elementos galhos)

Mais simplemente: ouvir um meu poema ~~deve~~ compreender  
 a língua em que está escrita e' quase o mesmo do  
 que ~~é~~ ~~uma peça de teatro, tem a sua realização~~ <sup>que</sup> é a sua realização do  
~~teatro~~ ~~de leitura~~ ~~tem~~ ~~uma~~ ~~realização~~ ~~a sua~~ ~~realização~~ ~~da~~ ~~arte~~, ~~é~~  
 não posso exprimir, mas que todos sentirem. Eu lhe digo:  
 a minha obra não é apenas uma realização em palco, uma  
 realização escrita: é, ao mesmo tempo, uma realização  
 musical, cromática - picturesc - e profissional - e ali, mais subtismente,  
 uma realização a aromas! Sim, sim, a minha obra  
 pode-se executar a profissão - poder-se - é executar  
 assim, escrita isto - bem atentado - quando estiver  
 composta.

Sirava-me muito o meu amigo, em escutar - o peso  
 das suas palavras mágicas, misticamente, numa certa  
 injuriada. Mas de certa hora pude ouvir um suspiro  
 de dúvida, de indecisão na expressão do meu rosto  
 por quanto o raro, o curioso - o encantado, comem a  
 lata queira da sua enorme extensão de poemas, aí  
 entre elas um gosto caderno, que Grandes se  
 nunca face.

- Vou-lhe provar o que valeu de lhe dizer - gritou -  
 Vou-lhe ler algumas das meus poemas - um verso! e  
 o meu amigo, depois, encantado, me disse: A  
 surpresa que a minha leitura lhe provocar. Apelo  
 para todo o seu Espírito!...

E começo a folhear o caderno, hesitante. Admitindo  
 ali, recordo-me, que um artista tão refinado, tão exquisito  
 e complexo, escrevera a sua obra num rascunho  
 caderno de contas, quadruplicado, daquele que  
 custava 80 centavos, na galeria do Léon.

- Vou-lhe ler, meu amigo conegou, em primeiro lugar uns  
 dos meus poemas mais simples - apenas uma demonstração de  
 ritmos.

Bravei. Era admirável, seu donzela. Dicionárias caprichosas entrelaçadas  
 e eram de maneira e eram outros tantos artefatos condensados  
 dinamando - em mil tons, sobre um fundo rivoletos, num encanto  
 de perfumes lisos, ~~excessivos e horribles~~ nervosos. Não era necessário  
 com efeitos compreender as palavras para sentir a beleza dessa pequena  
 maravilha.

disse todo o meu espanto, toda a minha curiosidade e o meu  
açúpo, num entusiasmo crescente fui me deitado inúmeras  
vezes. A todos em deusas a felicidade - a que era salvo  
melhor do que a outros. E havia de me contentar de férias o  
mesmo que eu que sei atingir a felicidade fundamental  
a luci, complexo. ~~lucrava para encantos e desventuras,~~  
~~lucrava para encantos e desventuras.~~ Lembrava-me liberdade do espanto que me  
causou esta peça amarela havia ~~de~~ rodas multiplicadas trehe-  
chando em vertigem de cor, num encharcamento e com excessivo  
movimento, aquela eu, Maranhão, já decabendo as mais  
elegantes curvas, felizes, cíprias, soltas, livremente,  
num fogo de artifício de sons. Era em verdade o meu  
maquinismo de precisa montado fantásticamente - e  
aquele, a forma - o mais misterioso, havia subitamente arrogância  
mialina, estupor de encantos.

Sorprendeu-me acho tove uma hesitação. Ya a fechar fiô ca-  
derho. Elas decidiu-se:

- Vou-lhe ler a parte do meu livro que põe a maior.  
Tão grande que leio em público - Pa, ~~Pa a~~ meu medo de  
felicidade. E amançou, penosamente:

= Poema Brilhante =

Brilhou - o ato nudo. E' que ainda não sabia nadar. Toda a  
minha admiração em face dos outros poetas, caiu por  
terra... O rei de resto é só a Maranhão, assim juramos dia-  
damente apenas que, desde os primeiros sons tive que  
cavar os olhos: não podendo sustentar o brilho coruscante,  
as utilidades magnéticas da esplendor criva que o meu  
onírio encantaram. Não derroto. Deixei uma sensação  
real. Pelo horizonte distante, hão o topo. Mas foi assim. E  
das águas apuradas que possam de olhos abertos ouvir semelhante  
milagre. Era tida uma nova arte - Complexa, dividida,  
multiplicada e secreta cujo divisor criador estava ali face à  
face.

Sergui-me semi-torco fiada leitura. Beijei o artista. Ce-  
ntas, Laforiansky iluminado por uma amola falou-me

Poemas que sejam <sup>un</sup>~~as~~ poemas ares que  
as realidades encostam

15

Mais univeral de todas as suas articulações de vida a a morte!  
— Vê! Vê! Vê! Vê!... E acredita-me finalmente?  
Uma arte gafosa... poemas seu suporte... flexíveis,  
que se podem deslocar em todos os sentidos... Uma  
arte seu articulações!... suas articulações... São  
intensificadas, planos entrelaçados, múltiplos planos,  
deias interpenetradas... Tudo se transpassa, e de sequente,  
constantemente variável, rodulante e ao mesmo tempo,  
um suauator, o amor confundido... Pecado realioso,  
na praga ~~de~~ circunstâncias, da sua poesia e no  
encontro das suas forma de factores arbitrários! Elas  
meu alma exacta de factores diversos! Quer ver  
anos o começo.

Pretendendo ~~esta~~ o seu exemplo que adianto publico,  
onde me garantiu preterior apura da - me seu círculo  
inexistente raso, com tenuissimo apoio entre tanto ua reali-  
zação - chamadas a realidade, d'acorde, a verdade nítida-  
mente de obteria o que pretendia nesse ~~o~~ poema. ~~o~~ cuius,  
~~louca~~ sua verdade percelas arbitrárias Fiquei tão maravilhado  
pela tradução que deseje例外 me fer, tão simples apesar do  
seu complexo, tão expressivo seu verdade que imediatamente  
me arranquei a promessa de não deixar tentar traduzir,  
ou melhor, suspeitar ~~que~~ o seu porte que, visto que não  
traduzas meus muito livre, diria não posso. Efectivamente,  
com enorme dificuldade e desgosto da sua ~~de~~ direção,  
deixei devoi aquela a versão que adianto publico. Depois,  
entretendo da' uma idéia inspirada da Maranhão seu suposto  
ritmo que era o texto raro do Lagríoathy - fui assim  
de todo me esforçar para manter o timbre do original como  
curiosamente o tombe expositivo e aromaf do seu de enda  
frase, entre o momentos pe culhar a cada circunstância.

Mais tarde, instigado por interpretar outros dos seus  
poemas copo - se sempre terminantemente, entrete de  
declarar muitos suspiros com o seu trabalho. So' um  
contente a tradução drama sua obg de 15 anos "Baileado,"

que fizera ainda estudante de Direito, quando n'nao só  
em Paris na rua das Escocas. Daí, por d'nele, o  
estranho e admirável fecho do Poema. ~~que não supera~~  
~~muito bem a sua~~ ~~deixa~~ ~~que é~~ ~~que é~~  
~~deixa~~ ~~que é~~ ~~que é~~  
Deixei-o aí a madrugada, ~~na noite suspirou~~  
pensou em Els: porque não publicava o seu livro, destinado  
a falar por falar sua religião cuidada artii. Ele de  
novo suspirado, ~~que~~ ~~que~~ murmurou:

- Porque ainda não está perfeito. Por suspiro e  
suspirar, a grandeza ainda exerce aquela ação  
muita obra. Ora atingiu ainda a Perfeição. Te-le-ho,  
quem sabe até' si atingiu ou muito dos meus poemas,  
que são os de, considerados separadamente, esses não  
em conjunto. ~~ainda~~ <sup>a</sup> ~~ainda~~ ~~ainda~~ no conjunto.

Etiere algum dia seu over.

Quando de novo te encontrei com ele houverá -  
uma hora espessa no rosto - um ar feliz - eis  
bono a seu gosto. Ema pacote notavelmente!

Esperou - me

- seu Amigo, tem a raya do mundo. Estou  
merelé, sei que fico presente - a obter  
a Perfeição, que impossível de esquivar. Ela é muita  
estrângua. Am a minha gente misterio, molhe-  
davelmente, um vafoteceio.

- e Vougan / por certo

- Espero.

Depois conversou brevemente.



Pepini - e um período de calma, relative em  
entre referir - & que obg - apesar me falare de  
que eu era quando da sua aurig de audita - do  
desenvolvimento do seu gosto - do resto que sempre

~~Pela arte profunda  
ver seu or de belque:~~

~~- Belo meu ambo, que gloria... Que belo que, enfim,  
libertado verás!...~~

17  
NSD/3

Tivera de ver estiolar o seu gênio à força de cítricos -  
sentindo olhar até' para não o pôr embaraço, arrestando-o,  
afagando-o tratando com dureza o discurso  
dos mês que este houve, no intervalo, se levantou para  
côrir os seus filhos, disse-me também a ausência  
por ordem de fixar tudo quando lhe atravessava o  
espírito - com o ciúme ao mesmo tempo de haver de  
poder entregar-lhe o seu pensamento:

- Veja como é horrível, meus caros! O ciúme dum  
homem que não pode ser possuir nunca só uma mulher que  
livesse entre os braços fogueira, no momento da  
fim a recordação dumas outras, de muitas outras,  
se lhe interceptaria... Bem sei que isto não é propriamente  
um ciúme. Mas figura-se-me qual perda haveria  
de trabalho... É um horror, um horror... Reis talvez onde se responda  
toda a maneira.

É aqua mandava sempre vir aberto - elle seu anhão  
só havia roupas.

Ate' que um dia chegou a faltar a dar a anhão no  
café' onde habitualmente reuniriam-se. Conhecia  
lhe cara perguntando se faltava doente. Respondeu-lhe  
com aprimorada maior e ironia. Doente não estarei,  
proprietamente. Mas para d'ic e unha fechado dos  
gabinete de trabalho, seu quartel-general -  
e passando continuamente, como um pra.  
Branco entre as espumas de Marfa - que ele atendia  
sempre. Gitar-cho:

- Trabalho! Trabalho! É o velho afuso!

Um dia eu lhe fui falar a sua porta.  
Peghei-lhe com pulso, quando eu fui falar  
que me traziavidamente - falei, ate' que os seus  
temores & desejos anseios de colher, que ficariam  
dever de si já tivera esforço de preencher - os  
perturbações ansijs, sempre com outros.

Exclamou:

- Lin! Lin! É' bem verdade! Aproxime-se aí houve  
gelo! ~~O~~ Aranjo a passo lento! Muit  
fraco me falta! ... E haverá engano! Nã há  
engano!... Poh-hei positivamente, lentamente  
visivelmente!... Olheva já um biscoijinho com  
muito rosto, muito longeum <sup>não tem engano</sup> no ambiente do meu  
peito! Pépere das Malas - e em fin! A perfeição!  
A perfeição ...

Depois alguns minutos de festejo, ande ao ruim.  
muito cuidado com a escada, descei-o ciprino  
duri. Grande cheiro de café fortíssimo, ande,  
arropado pelo fraco <sup>calor</sup> que exala, rare, pene,  
franc e criado, <sup>muito</sup>

entrei o facto à iruia. Esta tem um sorriso as  
dor - mas os horrores tempo houverá de ser, atitude  
um lixívalo constrangimento. <sup>uma</sup> ~~uma~~

Despedi-me, ciprino que muito importo pela  
lenda mental do meu amigo. Mas breve esquece, no  
espresso dos Artistas, a impressão recua - e durante  
<sup>ciclos</sup> dias que fomos fio de Paris, houve um  
dilema: ~~de~~ mais, da lucidez wrote as suas e  
da sua sonora atitude.

No dia seguinte as suas respostas, preferiu-me  
para falar a almoço quando apesar das breves  
a ponta do meu querer.

~~A-~~ Fui aí, monte a escopetejar o futuro, que  
defendi que <sup>2</sup> agonizando - um taporicando tecnicos  
de caldo em caldo, olhar infeliz, grata  
desfita, brancudo na mão o caderno de  
cep. Verde ande lá um escrita a São Paula.

E entre losinhas e gritos roncos, em que aqueciamos  
as roupas... encara... A perfeição... Cualq  
que velho Pôs era isso... Até agora...!... A  
grandade não tem mais ação sobre ~~as~~ minhas  
meus

versos... É verdade! É mais que verdade... Sou de  
que foras. Mas que momento gravoso o entretanto?  
Naquele dia, haveria de ver fisicamente... Puis  
fui assim, um dos l'utens, meu pobre amigo,  
quando veio de apertar a retina, pleure -  
haveria um maior <sup>profundo</sup> surdo, um baque surdo... Olhos  
o caderno... Todas as minhas versos, libras, tais  
terracas do meu caderno... Vou! Vou!...  
E desfolhar - um o cíntimo.

Tremi ~~de~~<sup>de</sup> um arrepio gelado. As frechas  
da branca. Apesar intacto o frontispício ande  
ainda o nome do pente e um dente, ouça da perfumaria,  
apesar os numeros da folha, e alguma borboleta encantada  
que, inexplicavelmente, haveria - enfome em ressaca -  
luzindo o texto, escrito num alicerce roto, muito  
polido...

- Meus amigos! Meus amigos! A Perfeição! A  
perfeição!... Eu... Eu... A Perfeição...  
E os versos fizeram rodopiar de gorgorosidade  
meus joelhos, alucinantes, despidos...

Cinco dias depois, - vindo de férias, Petrus  
Yanowitch apesar da infinita dor de seu famoso  
câncer, entendeu nessa casa de campo prisão de  
Ivandou onde entrou o caro, fizera um mês de  
dificuldade a recobrir sendo a violência dos  
seus ataques - ataques estranhos, decuplicadores de  
tudo os alienistas - com que um feitiço, um  
envidamente infernal.

Procurava em vão por & de a casa, pra todo o  
jardim, o caderno que continha tudo a origem,

Li

Sem vó

do russo. Pensei existia, em verdade, esse outro, identico, semelhante, mas com as peças reais... Mas só podia ser a Marfa que dava a esse outro o seu caderas, a provocar ~~retofis~~ e tudo - lo, a quem não suspeitava que era outro, que o brinquedo depois de ter vivido o que continha a sua obra, envolveu-se... Quis se vê fizer a propria evidencia... Mas ~~essas~~ mazelas que existiam na capa do primeiro cadero que eu tentei ver, manusear, quando tratei de ~~interpretar~~ ne ~~interpretar~~ ne interpretei, lá estavam também, naquela - bem como a estranha horrores encantados - e entre elas o que mais chamado existia na peças... Aonde estavam os outros o excepto que pubico com o título de Alm...  
~~E de todo a era tudo quanto gerava~~

~~O tempo artigo desse Artista grande o!...~~  
Quando aquela grama se chama que é quando de quando houvi falar fuias das ditas suas desgraças tam  
dessa obra que é ~~tudo~~ <sup>mais</sup> ...

As portas inquietantes, acentos, que eu Marfa pensava, em breve, cheio de la prima, de fronte desse cadero vazio, ales ouvindo os sons olhos <sup>mas nenhuma ouvir</sup> que seu acordar - e não podendo acreditar.

~~Alas loucuras~~ ...  
- Esta tudo que... um vóresso ...

Carrancas - Quinta da Várzea  
outubro de 1864

Maria de São - Carneiro

